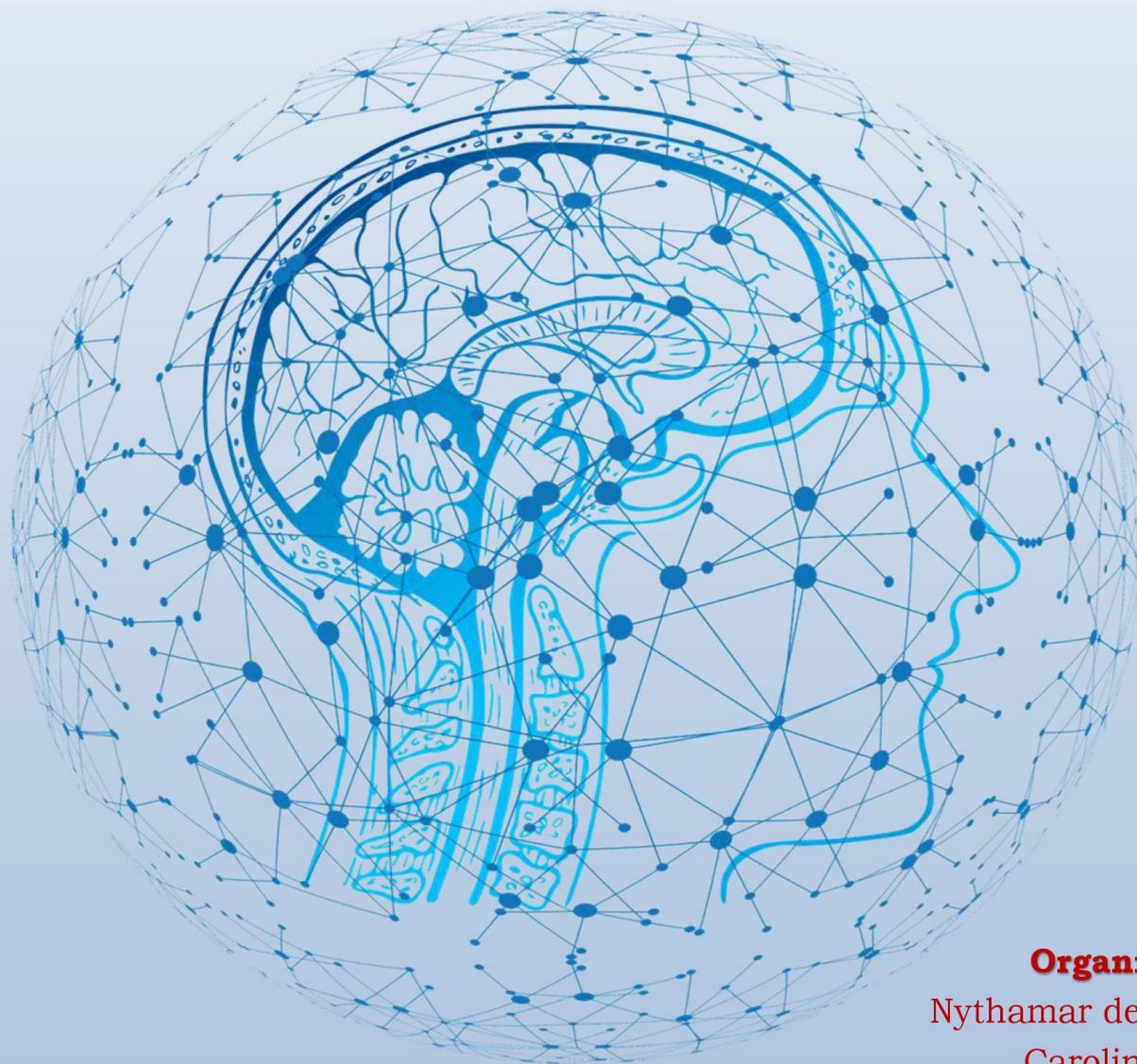


# Bioética, Neuroética, Emoções



## **Organizadores**

Nythamar de Oliveira

Caroline Marim

Agemir Bavaresco

Jair Tauchen



Editora Fundação Fênix



A presente publicação é resultado das pesquisas e debates dos participantes do *IV Colóquio Internacional de Bioética e do II Colóquio Emoções* que, reuniu pesquisadores, docentes e discentes de cursos de pós-graduação em filosofia, bioética, medicina, ciências jurídicas, neurociência, ciências sociais e humanas de todo o País, nos dias 25 a 27 de setembro de 2019. O objetivo foi debater questões e problemas referentes à "Bioética, Neuroética e Emoções" em comemoração dos 70 anos da Declaração Internacional de Ética Médica (3rd General Assembly of the World Medical Association, London, October 1949) e para homenagear a obra de Bioética, Filosofia Moral e Ética Médica do Professor Dr. Joaquim Clotet, que introduziu os primeiros grupos de pesquisa e comitês de Bioética no Brasil. Isso ocorreu antes mesmo do surgimento da Bioética em nosso país, em meados da década de 1990, especialmente com a criação em 1995 da Sociedade Brasileira de Bioética, bem como de vários cursos de pós-graduação em território nacional, fomentando a expansão de redes de pesquisa interdisciplinar em diferentes áreas do conhecimento.



Editora Fundação Fênix



Direção editorial: Agemir Bavaresco  
Diagramação: Editora Fundação Fênix  
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –  
[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

Este livro foi editado com o apoio financeiro do Ministério das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha através do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).



Série Filosofia – 07

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

OLIVEIRA, Nythamar; MARIM, Caroline; BAVARESCO, Agemir; TAUCHEN, Jair (Orgs).

Bioética, Neuroética, Emoções. OLIVEIRA, Nythamar; MARIM, Caroline; BAVARESCO, Agemir; TAUCHEN, Jair (Orgs), Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2019.

324p.

ISBN – 978-65-81110-11-6

DOI – <https://doi.org/10.36592/978-65-81110-11-6>

Disponível em: <https://www.fundarfenix.com.br>

CDD-100

---

1. Bioética. 2. Filosofia. 3. Neuroética. 4. Emoções. 5. Ética.

Índice para catálogo sistemático – Filosofia e disciplinas relacionadas – 100

## **BIOÉTICA, NEUROÉTICA E EMOÇÕES: LEITURAS INTERDISCIPLINARES**



<https://doi.org/10.36592/978-65-81110-11-6-01>

Esta publicação é resultado das pesquisas e debates dos participantes do IV Colóquio Internacional de Bioética e o II Colóquio Emoções que, reuniu pesquisadores, professores e alunos de cursos de pós-graduação em filosofia, bioética, medicina, ciências jurídicas, neurociência, ciências sociais e humanas de todo o País, nos dias 25 a 27 de setembro de 2019. O objetivo foi debater, em foro público, questões e problemas referentes à "Bioética, Neuroética e Emoções" em comemoração dos 70 anos da Declaração Internacional de Ética Médica (3rd General Assembly of the World Medical Association, London, October 1949) e para homenagear a obra de Bioética, Filosofia Moral e Ética Médica do Professor Dr. Joaquim Clotet, que introduziu os primeiros grupos de pesquisa e comitês de Bioética no Brasil. Isso ocorreu antes mesmo do surgimento da Bioética em nosso país, em meados da década de 1990, especialmente com a criação em 1995 da Sociedade Brasileira de Bioética, bem como de vários cursos de pós-graduação em território nacional, fomentando a expansão de redes de pesquisa interdisciplinar em diferentes áreas do conhecimento. Anteriormente à criação da Sociedade Brasileira de Bioética, o Conselho Federal de Medicina (CFM) lançou o primeiro periódico na área.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) iniciou, em 1988, estudos de Bioética no Programa de Pós-Graduação em Medicina. Em 1990, o Prof. Robert M. Veatch, Diretor do Kennedy Institute of Ethics, de Washington, DC, ministrou um curso no mesmo programa. No hospital da mesma instituição funciona regularmente, desde 1990, um Comitê de Ética em Pesquisa, cujo primeiro presidente foi o Prof. Dr. Jaderson Costa da Costa. O Primeiro Congresso Nacional de Bioética foi realizado no Instituto Oscar Freire, USP, em São Paulo, de 26 a 28 de junho de 1996, e o Segundo Congresso Nacional de Bioética, realizado em Brasília, na sede do Conselho Federal de Medicina, de 24 a 26 de março de 1998. Foi nesse contexto de pioneirismo que a PUCRS organizou o Terceiro Congresso Nacional de Bioética de 2 a 4 de julho de 2000, abrindo um ciclo de colóquios internacionais de Bioética. A segunda edição do Colóquio Internacional de Bioética (5 a 9 de junho de 2006) sobre Bioética, Biotecnologia e Biopolítica e a terceira edição (23 a 27 de novembro de 2015)

sobre Bioética, Neuroética e Direito foram apoiadas pela CAPES e pelo CNPq e resultaram na publicação de dois volumes (Fenomenologia Hoje III: Bioética, Biotecnologia, Biopolítica. Porto Alegre: Edipucrs, 2008, ISBN: 8574306940; Justiça, Direito e Ética Aplicada: VI Simpósio Internacional sobre a Justiça. Porto Alegre: Editora Fi, 2015; ISBN: 9788566923155).

Seguindo o diálogo realizado nas outras edições, o IV Colóquio Internacional de Bioética deste ano foi concebido conjuntamente com o II Colóquio Emoções, com o objetivo de valorizar a importância e extrema pertinência das pesquisas sobre as emoções para o avanço e sofisticação dos debates em bioética. Grandes avanços foram conquistados nos debates em bioética, porém temas ainda iniciais como o aborto, eutanásia, ética animal e ambiental tem sido revistos e se deparados com inúmeros questionamentos práticos e teóricos que podem encontrar novos caminhos com a contribuição das mais recentes pesquisas sobre as emoções.

Apresentamos abaixo um breve resumo de cada capítulo autoral que foi incluído em uma estrutura temática, segundo um critério de organização de um compêndio a partir de uma coesão de temas e problemas em três partes.

A primeira parte aborda o tema da bioética e é composta pelos seguintes capítulos:

Marcelo Bonhemberger e Nythamar de Oliveira, em Bioética plural: revisitando o problema do fundacionismo, resgatam “os fundamentos normativos da bioética de modo a tornar seu universalismo defensável e compatível com seu pluralismo, sem recorrer, de um lado, ao fundacionismo de modelos procedimentalistas, como o principialismo, e ao particularismo de doutrinas morais dadas, como as abordagens cristã, judaica e de outras religiões à bioética, de outro lado. Será mostrado que a concepção de pluralismo em bioética de Tristram Engelhardt permite uma reformulação da bioética judaico-cristã como um dos modelos mais razoáveis e defensáveis que satisfazem tais afirmações normativas, na medida em que promove um humanismo pluralista e uma visão universalizável dos direitos humanos, da socialidade e de preocupações ecológicas”.

Fishel Szlajen, em Inteligencia Artificial y Transhumanismo: falacias del humano exacerbado y desfondado en la tecnologia, atesta que “esta conferencia aborda, desde la concepción bíblico-filosófica, los fundamentos de la falaz concepción cibernética de lo humano, producto de la ruptura del equilibrio entre dos tipologías humanas como mandato-premisa civilizatoria fundacional, promoviendo a su vez la

necesidad de una filosofía de la biotecnología cuyo foco es el análisis en su desarrollo e implementación evitando la tendencia al exceso enajenante”.

Darlei Dall’Agnol, em *Crispr e os limites éticos da edição genômica*, “retoma um tema que vem enfrentando há alguns anos sem ter, entretanto, chegado a uma posição definitiva e que tem, recentemente, assumido novos contornos com a descoberta de técnicas cada vez mais refinadas de edição do genoma humano, por exemplo as que operam com CRISPR (que serão explicadas mais adiante). Acredita que muita análise conceitual no âmbito da teorização ética, mas também mais investigação empírica precisam ser feitas para estabelecer limites aceitáveis para a utilização de técnicas de engenharia genética que possam modificar a nossa constituição biológica”.

Marco Antônio Azevedo e Marcos Rolim, em *O que há de realmente aterrador nos cenários tipo-Gattaca?*, afirma que “no filme *Gattaca*, imagina-se um futuro já nada distante em que os casais poderão consultar um especialista em fertilização artificial e escolher as características de seu futuro filho. Eles podem selecionar embriões fertilizados em laboratório, podendo também alterar seus traços genéticos, eliminando genes capazes de expressar doenças ou mesmo características físicas indesejáveis. Técnicas recentes, como a edição genética por Prime Editing ou por meio da CRISPR-Cas9, logo permitirão terapias gênicas em embriões fertilizados *in vitro* antes de sua implantação uterina. Neste artigo, pretendemos avaliar essas possibilidades, revisando criticamente alguns argumentos conhecidos contra o uso indiscriminado de tais técnicas (como o argumento da ladeira escorregadia, e os argumentos de Jurgen Habermas e Michael Sandel). Ao final, em defesa de que objeções de princípio a práticas eugênicas devem estar assentadas na proteção e promoção dos direitos humanos, pretendemos avaliar quais limites poderiam publicamente justificar a permissão ou proibição do uso privado de tais técnicas”.

Susana de Castro, em *capitalismo e racismo*, “apresenta as relações entre capitalismo e racismo a partir da compreensão de que a divisão da população em raças distintas foi uma ferramenta criada para justificar a escravidão durante a época colonial. O colonialismo não terminou com o fim do regime colonial, uma vez que aos povos escravizados e dominados perdurou o estigma de inferioridade cultural. Hoje quando assistimos ao colapso das condições de renovação da natureza frente à poluição e destruição da natureza, se faz mais do que nunca necessário o resgate da herança cultural dos povos originários, uma vez que não capitularam ao aniquilamento de sua forma de ver o mundo a partir de uma perspectiva biocêntrica”.

Erico Hammes, em *transumanismo e pós-humanismo: uma aproximação ético-teológica*, “pretende recolher elementos teológicos para uma relação entre a Teologia cristã, transumanismo e pós-humanismo. Enfoca especialmente os temas da natureza humana e da Ética Teológica, ante a importância que adquiriu o movimento trans- e pós-humanista no ambiente científico e tecnológico. A partir de uma descrição histórica dos conceitos identifica-se o transumanismo como momento da aplicação massiva dos recursos da ciência e da técnica para a melhoria e aumento (enhancement) das condições e das capacidades humanas. O pós-humanismo, por sua vez, representa o resultado, na forma de uma nova condição de ser, qualificada como pós-humano. Mostra-se, num segundo momento, com recurso a K. Rahner, como a natureza humana, em seu sentido antropológico, se revela capaz de transformações, desde que se mantenha sua qualidade essencial de autonomia, relacionalidade, liberdade e responsabilidade diante do Mistério Divino. No terceiro momento, mostram-se algumas exigências éticas para uma avaliação do trans- e pós-humanismo”.

Ana Carolina da Costa e Fonseca, em *Transumanismo e cinema: nossos medos postos em cena*, apresenta “alguns problemas morais envolvendo as possibilidades do transumanismo e do pós-humanismo, decorrentes da evolução das NBIC (nanotecnologia, biologia, informática e ciências cognitivas), a partir de filmes ficcionais e documentários. Melhorar o ser humano pelo desenvolvimento da ciência parece, por um lado, muito desejável, devido à promessa de tornar a vida melhor e mais longa. Ao mesmo tempo, assusta. Um dos medos é o de que o próprio ser humano, tal qual o conhecemos, desapareça. Filmes conduzirão a reflexão a respeito dos nossos medos em relação à possibilidade de manipulação genética”.

Tomlyta Luz Velasquez e Paulo Vinicius Sporleder de Souza, em *bioética e direito: uma análise dos princípios bioéticos aplicados ao biodireito*, “analisam os princípios bioéticos e a possibilidade de sua aplicação no âmbito do Biodireito. Mais especificamente, após um breve panorama da teoria dos princípios na seara jurídica, abarcando as principais evoluções doutrinárias, focam nos princípios da bioética estruturados pelo principialismo, que apresenta os princípios básicos para o agir humano frente a uma moralidade comum, abordando tanto os seus fundamentos que consagraram o uso dos princípios nos dilemas bioéticos, quanto as críticas sofridas que resultaram em nova proposta de estrutura principiológica. Finalmente, discutem o contexto dessa nova proposta de princípios bioéticos fundada na Europa, que fortalece a preocupação com a coexistência entre o ser humano e os demais seres vivos que

colaboram com o equilíbrio da vida, bem como a sua possível aplicação ao Biodireito, como salvaguarda da dignidade dos seres humanos nas questões éticas e jurídicas criadas pelos avanços biotecnológicos”.

José Luís Schifino Ferraro, em *A Biologia como fundamento bioético e biopolítico na educação básica*, “tem como objetivo problematizar questões relacionadas tanto à ordem epistemológica, quanto ao ensino de Biologia na Educação Básica, redimensionando sua importância enquanto disciplina que fundamenta o conhecimento necessário à construção de saberes relacionados ao campo da bioética incitando, por extensão, os sujeitos ao seu exercício biopolítico. Ao compreendermos o processo educativo como uma forma de governo, entendemos que as discussões circunscritas à educação em Biologia devem pautar-se por uma ética da – e para a – vida ao contemplar práticas orientadas à manutenção e à preservação da biodiversidade. Entretanto, temos motivos para acreditar que a não ampliação dessa mirada está vinculada a percepção pouco expandida no que tange ao próprio conceito de biodiversidade, o que repercute na ausência da Biologia – enfraquecimento ou uso equivocado do discurso biológico – em importantes discussões da contemporaneidade. A ampliação da compreensão em torno do conceito de biodiversidade no interior do discurso sobre a vida faria se insinuar sobre a Biologia uma ética da diferença, que nos exigiria desenvolver – para além de um novo ethos em relação às formas como os sujeitos passam a compor suas vidas – outras sensibilidades. Essa estetização da Biologia além de tornar mais potente um conceito que já lhe é tão caro – o de diferença – e que está na base do darwinismo, liberta em sala de aula o professor que há muito recaiu em uma espécie de fundamentalismo pedagógico, apartando os conteúdos da disciplina de prementes e cotidianas demandas do mundo real. Uma Biologia estetizada como fundamento bioético e biopolítico, pode contribuir para a formação de sujeitos comprometidos com a vida, ao recuperar o sentido do bios – sua dimensão moral e política, promovendo outras formas de engajamento de educadores e estudantes tanto na Educação Básica, quanto na esfera social”.

Carolina Zelinski Fay, Denise de Oliveira Horta e Marianna Gazal Passos, em *a proteção de dados pessoais na saúde: barreiras ao desenvolvimento científico e à tutela da privacidade*, “analisam a questão dos dados sensíveis na saúde, de acordo com a necessária tutela na proteção de dados pessoais. O trabalho demonstra a evolução do conceito de privacidade, desde a noção de extensão da propriedade para ser

considerado um direito fundamental, hoje comportando os dados em rede. O desenvolvimento de sistemas de armazenamento de dados tem permitido facilitar tratamentos e pesquisas na área da saúde, mas, ao mesmo tempo, colocam em risco a proteção de dados pessoais extremamente íntimos. Torna-se necessário evitar a formação de perfis e a divulgação de informações íntimas por meio da troca dessas informações entre instituições públicas e privadas. Desse modo, busca-se analisar primeiramente o direito à proteção de dados como direito fundamental, passando-se à necessária tutela dos dados pessoais sensíveis, especialmente no que tange aos dados na saúde, e, nesse panorama, e diante da novidade do tema, propondo a *privacy by design* para garantia de cuidado e de prevenção de invasões nos sistemas informatizados. Ainda, traz a noção de Bioética Complexa como meio para solucionar conflitos acerca do compartilhamento de dados na saúde para pesquisas, respeitando a privacidade dos titulares, mas permitindo o avanço como ciência que necessita dos mesmos para evoluir”.

Ramiro de Ávila Peres, em *Uncertainty, “irrational exuberance” and the psychology of bubbles: an argument over the legitimacy of financial regulation for bounded rational agents*, afirma que “one of the explanations for the Great Crisis of 2007-2008 was that financial authorities should have issued stricter regulations to prevent the housing bubble. However, according to Alan Greenspan, President of the Federal Reserve System (FED) from 1987 to 2006, this is to judge with hindsight. No one can guess when a “bubble” begins, nor when it ends; they happen because of the “irrational exuberance” in investors’ behavior, which causes boom and bust cycles. Regulators are not in a better situation for assessing risks, though: since market participants supposedly know their own risks better than the regulator (a kind of informational asymmetry), an intervention (except to ensure law-enforcement) would imply unjustified paternalism. However, a regulator does not have to be conceived as a paternalistic authority. We sketch an objection to Greenspan's argument, arguing that crises don't require a defective reasoning such as the “irrational exuberance” – our usual bounded rationality might be enough to provide the kind of “self-fulfilling prophecy” observed in the rise and fall of bubble assets value. Given the possibility of grave externalities, authorities are justified in adopting measures to ensure investors behave in a prudent way, even if they supposedly know better their own risks”.

Natália Aguiar, em *os direitos sexuais e reprodutivos e sua relação com a discussão ética sobre o abortamento*, “parte de uma abordagem bioética

multifacetária, que engloba aspectos biológicos, jurídicos, com enfoque nos aspectos éticos da questão, verificar as políticas atuais que o Sistema Único de Saúde (SUS) oferta ao brasileiros, oferecendo argumentos interdisciplinares capazes de situar o espaço onde de fato residem os direitos sexuais e reprodutivos, questionando filosófica e eticamente o papel do abortamento. O presente trabalho, visa demonstrar que a temática do aborto não deveria ser analisada apenas através dos pontos de vista da saúde coletiva e legalidade – como predominam atualmente -, mas também, promover uma discussão que abranja a pluralidade de aspectos éticos que se apresentam ao redor da questão, trazendo à tona teorias morais da Filosofia, evidenciando também sua importância para a tomada de decisão, a importância da conscientização e educação para promover o pleno exercício dos direitos fundamentais. Portanto, a partir de uma breve revisão narrativa de políticas públicas atuais que contemplem os Direitos Sexuais e Reprodutivos, abstraídas de textos e acordos cujo Brasil é signatário, que servem de base para a política de ação do Sistema Único de Saúde (SUS) na área, analisaremos eticamente essas políticas, propondo questionamentos sobre ideias e conceituações que fomentam os debates sobre o ato abortivo”.

A segunda parte trata do tema das emoções e é composto pelos seguintes capítulos:

Silvio José Lemos Vasconcellos, Leila Mara Piasentin Claro, Welton Pereira e Silva, Priscila Flores Prates, em o papel da empatia na conduta ética: o caso dos psicopatas, “relaciona a falta ou a escassa empatia com as questões de conduta ética. Tenta entender como as condutas antissociais são favorecidas ou até mesmo intensificadas quando uma dificuldade ou incapacidade de compreensão de estados emocionais alheios se apresenta. Mecanismos cognitivos presentes na psicopatia são discutidos, sendo a definição de empatia baseada no papel central dos mesmos. Ocorre, também, a apresentação de casos emblemáticos, de exemplos buscados em entrevistas realizadas para a pesquisa e de diagnósticos feitos com base nesse assunto”.

Rosalice Lopes, Marilda Fátima de Souza da Silva e Giovanna Loubet Ávila, em estudo sobre empatia em estudantes de psicologia: repercussões para a conduta ética e bioética, “apresentam os resultados da pesquisa “qualiquantitativa” sobre empatia e compreensão empática realizado entre os anos de 2016-2019, com alunos de um curso de Psicologia de uma universidade da cidade de Dourados que envolveu 150 estudantes do 1º ao 5º ano do curso. O estudo compreendeu respostas a um questionário e entrevistas individuais e indicou que os alunos apresentam um limitado conhecimento

sobre a temática. As respostas dos alunos demonstram que eles tomam o conceito de empatia como similar à simpatia e à identificação o que pode ser considerado um equívoco quando se fala da prática profissional. Tendo em vista que empatia requer do psicólogo que uma compreensão significativa daquele que necessita de ajuda, é admitido como necessário que o profissional envolvido numa relação de ajuda tenha um autoconhecimento diferenciado. Os resultados apontam a necessidade de maior aprofundamento da temática da empatia durante a graduação, tendo em vista seu impacto na vida profissional e em seus desdobramentos, na conduta ética e na postura bioética da compreensão dos fenômenos humanos”.

Jacques A. Wainberg, em a midiatização das emoções coletivas, afirma que a “midiatização é um conceito que permite refletir sobre o efeito emocional que a mídia moderna produz na sociedade. Este estudo documenta este tipo de impacto afetivo das novas tecnologias de comunicação nas massas com os casos da monarquia, das celebridades do showbis e dos efeitos prosódicos da voz, em especial a melodia que é gerada pelo ritmo e pelo tom da locução”.

A terceira seção aborda o tema da neurociência e é composta pelos seguintes capítulos:

Laura D. Guerim, em a Neurociência localizada: revendo diferenças de sexo/gênero em pesquisas sobre o cérebro, “apresenta as críticas feitas por neurocientistas às pesquisas que buscam diferenças cognitivas entre homens e mulheres presentes no cérebro, principalmente utilizando o respaldo da neuroimagem. Desde o início dos anos 2000, a preocupação com a utilização da neurociência para justificar estereótipos de gênero e a falta de critério dos responsáveis para diferenciar as expressões “sexo” e “gênero”, têm envolvido diversas neurocientistas no debate mais profundo entre natureza e cultura apresentado por essas pesquisas. Além disso, é imperativo pensarmos no impacto desses resultados, considerando que eles fornecem argumentos para os diversos discursos sociais e contribuem muito para o entendimento das habilidades humanas”.

Natália Aguiar, em a ética de Espinosa e sua relação com aspectos da neurociência contemporânea, “demonstra a relação entre a ética de Espinosa e aspectos estudados atualmente na neurociência – segundo o médico e filósofo português António Damásio -, mais precisamente, no que se refere ao papel dos sentimentos e emoções para a tomada de decisão. O aparente anacronismo metafísico de Espinosa, se mostra surpreendentemente coeso com teorias recém avaliadas

cientificamente, demonstrando que, sua metafísica da liberdade e da ética - que estão imanentemente ligadas ao conceito de Deus/Natureza como substância una existente - servem de base sólida e fértil para o estudo do comportamento humano, conversando e afetando questões de cunho ético, social, político e religioso de suma importância e relevância que permeiam a sociedade contemporânea. A unificação de corpo e mente que o autor faz, como necessariamente interligados num organismo integrado, é um pensamento extremamente atual, fazendo parte do estudo de alguns princípios de mecanismos neurais responsáveis por manifestações paralelas entre corpo e espírito, amplamente estudados e que servem de bases norteadoras para os campos de estudo da neurociência dos afetos e sentimentos, mais precisamente seus estudos sobre o comportamento ético humano. De que modo, os sentimentos e emoções são compreendidos pelo nosso corpo e mente, e, até que ponto essas compreensões podem determinar nossas decisões e ações”.

Os organizadores expressam seu agradecimento a todos os participantes do evento, vindos de diversos lugares do país e do exterior, aos convidados e àqueles que submeteram trabalhos para apresentação e os que disponibilizaram seus textos para serem publicados neste volume, nossa gratidão e reconhecimento.

Nythamar de Oliveira.

Caroline Marim.

Agemir Bavaresco.

Jair Tauchen.